

JACOBSEN ARQUITETURA



ESPÍRITO DO TEMPO

PRÉSERVAR O AMBIENTE - NATURAL OU CONSTRUÍDO - É O LEMA INEGOCIÁVEL
DE CARLOS MOTTA E OUTROS ARQUITETOS COM CASAS DENTRO E FORA DA CIDADE

CASA VOGUE | JUNHO 2022
BANGALÔ ARARAS

Visão aérea da propriedade, na qual a simbiose entre a mata, o lago, o deck e a casa proporciona a força motriz para as criações de Paulo e Bernardo Jacobsen.

DESENHOS NO LAGO

EM ARARAS, REGIÃO SERRANA DO RIO DE JANEIRO, OS ARQUITETOS **PAULO E BERNARDO JACOBSEN** PLANEJARAM UM **REFÚGIO** PARA SE DEDICAREM COM MAIS CALMA AOS PROJETOS DE SEU ESCRITÓRIO. MAS O **PAVILHÃO SUSPENSO** FOI ALÉM E TORNOU-SE UMA ESPÉCIE DE **LABORATÓRIO DE IDEIAS** QUE REVERENCIAM A NATUREZA.

TEXTO CAROL SCOLFORO | PRODUÇÃO MANU FIGUEIREDO | FOTOS FRAN PARENTE



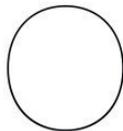
PARA OS ARQUITETOS, A **SUSTENTABILIDADE** EMPREGADA AQUI É **OLD SCHOOL**: PARTE DA **FORMA** MAIS RESPEITOSA POSSÍVEL DE CONSTRUIR



Acima, a seção do living que faz as vezes de home office e sala de jantar, com mesa de Eero Saarinen, rodeada por cadeiras diretor Capri, da Kingsley Bate, na Casual Móveis, comporta também a cozinha linear, equipada com armários de freijó, tudo sobre piso flutuado de cumatú - na parede ao fundo, quadros de John Nicholson (à esq.) e Henri Matisse. Na pag. anterior, a cama repousa sobre um tablado de freijó, com almofadas revestidas por tecido trazido de uma viagem ao Peru - na varanda, cadeira desenhada por Jorge Hue (1923-2021) especialmente para Paulo



No outro setor do living, ao redor da lareira, as poltronas Shell CH07, de Hans Wegner, e a mesa de centro do Atelier Pedro Petry compõem a área de estar, que inclui a cama - na plataforma, luminária Akari 28N, de Isamu Noguchi, comprada no Noguchi Museum



beiral amplo, espelhado com o piso da varanda, direciona o olhar para a contemplação do lago. O vento sopra seus desenhos nas águas, incitando um estado meditativo em Paulo Jacobsen. Anos atrás, encontrou ali apenas um lugar seco e abandonado à própria sorte. O pedaço de terra resguardado pela mata situa-se perto da fazenda da família, no Vale das Videiras, recanto do bairro de Araras, em Petrópolis, RJ. Uma região marcada pelo passado glorioso das lavouras de café – e na qual o arquiteto convenceu a vizinhança, há algum tempo, a criar ovelhas para produzir queijo. “Em uma dessas viagens, abrindo trilhas para os fazendeiros andarem a cavalo, deparei com este local, com a represa vazia”, relata. Cinco anos atrás, comprou com amigos a propriedade, escolheu para si esta parte, com a qual já se sentia conectado, encheu o açude e viu tudo se transformar.

Dos planos constava o que o profissional define como *small pavilion*, um bangalô contemporâneo de 130 m² cujo traço traduziu mais uma vez a parceria com o filho Bernardo. Idealizado como um refúgio para trabalhar, não poderia vir em melhor hora: ao fim da obra, em 2020, começava a pandemia e as recomendações de distanciamento social. Paulo, até então apegado aos métodos analógicos, precisou mergulhar no mundo digital para poder se isolar. “Enquanto muita gente se desconectou, fiquei mais ligado. Pegamos até um projeto em Dubai, feito daqui. Hoje, me comunico com o escritório de onde estiver. Finalmente aprendi”, grageja.

Por quatro meses, o pavilhãozinho, como é chamado, serviu de residência para ele e Mônica, sua mulher. “Parei de

tomar a ponte aérea de um dia para o outro. Foi curioso e, ao mesmo tempo, estranho”, conta. Atualmente, o casal sobe a serra fluminense às quintas-feiras. Chega à fazenda e, 15 minutos depois, desembarca à beira do lago. “Trabalho, mas também fazemos sauna, stand up paddle, pescamos tilápia no barco e as crianças brincam na prainha. À noite, vemos o céu e acendemos a fogueira”, enumera.

Preservar as espécies nativas é uma ordem para a dupla de autores, que enxerga na natureza sua maior referência. Capivaras, lontras e até as onças que rondam o local têm o respeito dos frequentadores humanos – mesmo após elas terem devorado 20 ovelhas nas redondezas. Nesse contexto, o pavilhãozinho foi concebido para honrar o entorno. Em 30 dias, ergueu-se seu esqueleto de madeira engenheirada. “Usamos pouquíssimos materiais pesados, como ferro e concreto. O Hélio Olga [engenheiro responsável pela estrutura] conseguiu o beiral fino e longo especificado por nós, em balanço de 3 m. Quando os componentes chegaram, eu não acreditei”, admite. Assim, emergiu uma construção com impacto zero no lote. “Ela tornou-se um laboratório, no sentido de pensar de forma sustentável. Poder deixá-la aberta em dias de chuva é muito melhor que usar ar-condicionado”, acrescenta Bernardo, sobre os beirais definidores da linguagem dos Jacobsen.

Ao redor da cama – a parte home do office campestre –, itens de lares anteriores se somam à marcenaria atual e ao design escandinavo de Hans Wegner e Eero Saarinen. O mobiliário baixo e de época evoca simplicidade. Nada, afinal, importa mais que a visão da lagoa e da floresta. “É interessante que a casa me leva a meditar pela estética. Não sabia que iria provocar esse efeito espiritual”, comenta Paulo. ●



Debruçada sobre o lago, a cabana contemporânea, marcada pela cobertura plana e fechada envidraçada, possui estrutura de madeira engenheirada da Ita Consultoria. Na pérg. anterior, o beiral tem os mesmos 3 m de largura da Varanda, onde estão o pufe de Ilha Açuda, da Nani Chiniellato, e as cadeiras MR, de Miles Van der Rohe, ao redor da mesa de Eero Saarinen, tudo do acervo do morador.